

Espelhos Falsos, Reflexos de Ilusões

Sandro Henrique Souza

**É proibida a reprodução total ou parcial
desta obra, por qualquer meio e para
qualquer fim, sem a autorização prévia, por
escrito, do autor. Obra protegida pela Lei de
Direitos Autorais.**

Sandro Henrique Souza

**Espelhos Falsos,
Reflexos de Ilusões**

1ª Edição

2021

Biografia de Sandro Henrique Souza:



Sandro Henrique Souza é escritor romancista, contista e dramaturgo brasileiro. Dono de um estilo filosófico e surrealista, sua literatura é marcada por profundidade, versatilidade e reflexão. Seus livros de ficção abrangem ainda temas como a fantasia e a literatura fantástica.

Principais obras do autor:

Romances

Espelhos falsos, reflexos de ilusões

O portal do jardim sem tempo

Fragmentos de luz

Estigma de um besouro raro

Contos

Sala fechada

Cama de páginas

Coletânea de Contos

Prosas

O sertão, um ser e a solidão

Telas, cores e espaços

Quadros, molduras e um atelier

Obra infanto-juvenil

Metamorfoses de um voo azul

Obra em Verso

Cinzeiro

Obra Aforística

Aforismos

Peça de Teatro

O último brinde

Agradecimentos:
Agradeço ao Universo C3smico.

“Só os loucos e os artistas podem me compreender.”

Nise da Silveira

Há o ser em um espelho e um espelho em cada ser. Em outras realidades além do ser, quando sua forma transcende da moldura que a ata, tudo reflete como é, além de suas vistas enturvadas.

Sandro Henrique Souza

Preâmbulo

Quando andamos, demasiadas vezes avistamos as projeções das nossas sombras diante dos nossos trajetos. Os olhos as percorrem, as percebem, as despercebem, sem saber o que haverá além delas. Entes e seres que igualmente refletem as suas imagens, criando inúmeras formas. Quão variadas são, mas não se revelam como são.

Contemplo poças de águas sem movimento, e vejo-me nelas. Mas, as águas nem sempre são claras e podem mostrar-me a imagem que não condiz com minha forma legítima. Indeterminadamente precisarei mergulhar em mim para ser eu mesma? Quem sabe necessitarei espia-las indefinidamente

para saber como sou, já que as águas mostram minha face, mas não mostram meu ser.

O medo também cria formas e imagens deturpadas, que se projetam através das mentes, gerando, algumas vezes, temores imaginários. O mundo tem formatos distorcidos e imagens efêmeras. Será o mundo ou a nossa interpretação mental?

Os sonhos refletem imagens guardadas no inconsciente. No adormecer, figuras criam cores, movimentam-se, manifestam-se e se escondem. Talvez estejam ocultadas dentro de mim mesma. Imaginações cheias de metamorfoses confundem. Já não sei quem é quem.

A existência e os meios nos condicionaram a ver o mundo de algumas maneiras, e acreditarmos nelas sem alcançar o que é, em si, real. Como se as formas que nele vemos fossem as verdadeiras. Aquelas representações que poderiam ser em si como se mostram, não passam de ilustrações sagazes, incitando-nos a acreditar em suas aparentes manifestações figuradas de tons, pintando o mundo de várias formas, com o seu objeto real e seu ícone, anunciando mensagens, sejam explícitas ou por detrás de suas gravuras sedutoras, sendo vistas por diferentes visões perceptivas, que diferem em suas interpretações. Mas, poucos são perspicazes para decifrar suas intenções

propagadas. Eu as vejo como posso, pois percepções não são iguais, mesmo que vistas castanhas ou azuladas, sejam mistas em certos momentos de um mesmo ângulo. Cada ser é singular.

E cada uma delas tentando estimular significantes distintos, para os significados delineados nos variados oferecimentos.

E qual a representação mais supérflua? Quem as adquirirá? Linhas de elipses, linhas retangulares, triangulares. Quais delas irão me enlaçar?

Conseguirão persuadir meus sentimentos?

Formas simbólicas, símbolos de imagens icônicas, que se tornaram comuns, passamos a acreditar nelas como se existissem por si só.

Dão-nos ordens, e nós lhes obedecemos inconscientemente. Elas estão sob as ordens de quem? Por que seguimos as suas imperatividades?

Anúncios que estão em todas as partes, oferecendo produtos, através de outdoors gigantescos, com gravuras diversas, com forte poder apelativo. Todas as formas estão encerradas em seus conteúdos. Todas as figuras, fundos e perspectivas. Todas as cores, todos os tamanhos circulares ou retangulares. Invadem as nossas mentes. Imagens persuasivas e muitas outras subliminares, escondidas nas colorações, e nas próprias figurações, nas palavras, nos movimentos, nas tipologias, nos diversos canais de projeção,

nas diferentes ideias que se tornam aceitas, que se tornam “verdadeiras”. Por trás delas não existirão fundos vazios e incolores?

Um mundo que vende, um mundo que compra. O mundo vende misérias, vende a fome, mas não compra alimentos para os que têm fome; o mundo vende armas para as guerras, mas não revela o preço dos que ficaram desabrigados sob as poeiras dos destroços, sob as pólvoras dos fabricantes que serviram para exterminá-los.

“Reconstruir é preciso” e, para reconstruir, objetos são criados para serem adquiridos. E há sempre seres para consumi-los. E quando o valor é alto, qual o fabricante que irá lhes devolver a existência?

O mundo absorve imagens, o mundo adquire objetos, mesmo que eles não sejam úteis. Satisfarão os falsos desejos e muitas das forjadas necessidades.

“Vender é preciso”, dizem as mensagens. E há sempre uma multidão para comprar. Há sempre uma multidão para persuadir. Há sempre produtos disponíveis, seja para que classe for. Com diversos nomes, formas e cores.

O mundo fabrica imagens. Imagens mentais, imagens capitais, imagens dissimuladas, representações que fingem ser reais. Onde estão as verdadeiras?

Os olhos “percebem” imagens, a mente capta imagens, retendo-as, transformando-as

em pensamentos; igualmente, os pensamentos as deformam. E elas, por serem falsas, deturpam os pensamentos. A verídica realidade se esconde dos outros e de mim, que não consigo vê-la nem que minha vista enxergue demasiadamente bem.

E a dor também vende. E toda imagem vende, e todos compram. Mesmo que não haja dinheiro para comprá-las. E a dor igualmente dá lucro, e os miseráveis, do mesmo modo, dão lucro.

E qual a miséria real?

Os cheiros provocam-me imagens. A dor e o prazer despertam-me imagens. E as imagens despertam-me cor, dores, odor. São

sentimentos distintos. São sentimentos meus.
Por que querem interpretá-los?

A exterioridade me engana de várias formas. Eu vejo a sua profundidade. Será ela fragmentada ou percebo-a toda? Configurações e estruturas que não percebi, e outras que vi e que me tocaram. Os embaraços do passado criaram marcas. Marcas que persistem a emocionar quando são lembradas.

Imagens causam-me emoções, as emoções que vivi e as que gostaria de viver. Como adquiri-las? Satisfarão meus desejos? Provocarão minha felicidade? Como comprá-las, qual o seu preço, qual o fabricante que as vende, qual o que irá me persuadir melhor?

Falsos desejos inventam necessidades e

uma realidade de sonhos. E em que realidade viver, a da lucidez ou da loucura? Em que imagem acreditar, a surreal ou a existencial? Quais ilustrações seduzirão mais? Quais venderão mais? Quais lucrarão mais?

Que belos objetos consumi! Estarei sonhando? Que bela casa hoje eu vi! Por que não posso tê-la? Acaso minha interpretação é inferior à dos outros?

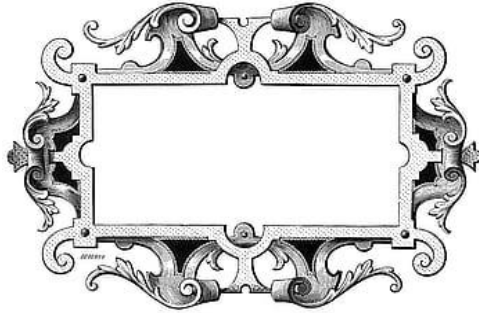
Disfarces, máscaras, capas... O mundo revestiu-se delas. Encobrindo fatos e rostos. Números e candidaturas são fixados nas paredes ou nos muros, para fixar nas mentes, continuando a administração da reprodução dos interesses e insídias.

Que campanha promoverá as peças mais superficiais para reter nas pessoas?

Como se libertar das imagens que o mundo reflete? Muitas não serão enganosas?

Estarei acordada? Quem me despertou? Estou eu sonhando, e ninguém me acordou?

Construíram-me historicamente pelas circunstâncias sociais em que vivo e vivi, pelas mensagens que absorvi. Todas formaram imagens em mim, cada uma com um tipo diferente, cada uma causa-me uma impressão distinta, um sentimento próprio. E quem sou eu?



Minha vida foi marcada por inópias e angústias diversas, mas, apesar de toda aquela realidade, eu preferia acreditar em mim e não nela. Confiava que aquelas formas amargas que eu vivenciava, poderiam se transformar em melhores imagens em minha existência, mesmo que, algumas vezes, me revoltasse.

Nada foi fácil. De família humilde, tive que trilhar percursos dolorosos e enfrentar privações inúmeras.

Eu era a terceira, num total de seis filhos. Meu irmão primogênito faleceu com um ano e meio. Meu segundo irmão viveu até os três anos, vindo a falecer de sarampo.

Fiquei então na condição de mais velha, ajudando meus pais a criar os outros irmãos que nasceram. Veio Abiel, dois anos depois, Zamir, e por último Nadav. Os nomes foram escolhidos por minha mãe, que se inspirou no Velho Testamento que, desde jovem, gostava de folhear.

Tínhamos constituição raquítica devido à pouca alimentação. E a saúde não era das

melhores. Hepatite, rubéola, caxumba e tosse comprida foram algumas doenças que tivemos.

Meu pai tentava sustentar-nos com seu trabalho árduo de pedreiro, e mal remunerado. Minha mãe era lavadeira de roupas. Lavava as roupas em um tanque, junto com outras mulheres que também exerciam essa profissão, num local a aproximadamente dois quilômetros da rua onde morávamos. Como eu era a mais velha, já com oito anos, ajudava-a carregando as roupas alheias numa trouxa sobre a cabeça. Andávamos metros e metros de distância, sob o sol escaldante daquelas manhãs nordestinas da cidade de Espinhos dos Cactos.

Se já eram bastante excruciantes as circunstâncias em que vivíamos, veio a piorar com o falecimento de meu pai. Então eu e meus irmãos passamos a vender frutas nas ruas, e Nadav, minha irmã caçula, ficava ajudando nossa mãe. Chegávamos exaustos no fim das tardes; e à noite, íamos para o colégio público. E mesmo sentindo o esforço, sonhávamos ter uma existência melhor através dos estudos. A merenda da escola era o nosso principal alimento. Esses fatores contribuíram para o mau desempenho de meus irmãos, que acabaram sempre repetindo as séries. Franzinos e desmotivados, desistiram na quarta série primária. Deixaram de vender

frutas e foram trabalhar como serventes de pedreiro.

Mas eu segui. Precisava seguir. Mesmo com os estorvos, eu perseverei. Arrancava todas as forças possíveis que um ser humano podia ter dentro de si. E mesmo com escassa alimentação, fadigas e angústias, eu prossegui.

Não culpo os meus irmãos por eles terem desistido; ao contrário, compreendo todos os estorvos que eles experimentaram, inclusive de saúde. São lutadores, e depois do passamento de meu pai, eram eles os principais responsáveis pelo sustento de nossa família.

Nadav, por ser a mais jovem, estudou durante alguns anos de manhã, e quando

terminou a quinta série, passou para o horário noturno, no colégio municipal.

Andávamos cerca de três quilômetros até a escola pública. E, apesar do meu esforço e também de outros alunos, eram muitas as vezes em que não havia aulas. Professores desestimulados com seus ordenados baixos e atrasados, falta de energia elétrica, pois o bairro tinha sempre quedas de energia durante as noites. Goteiras nos telhados avelhantados quando chovia, e qualidade ruim de ensino. Mas eu segui firme. Estava adaptada aos embaraços da existência desde que nasci. A dor e as distâncias eu já não as sentia tanto. Um açoite a mais ou a menos não alteraria as minhas marcas, não iria

influenciar nos meus ferimentos. Um quilômetro a mais ou a menos não iria mudar meus passos, mantinha-me sempre em pé. E mesmo que eu caísse, levantar-me-ia pela vontade de querer seguir. Mesmo que algumas vezes me perdesse nas estradas, pois elas confundiam-se nas minhas andanças. Seriam elas que tomavam outras formas, ou seria eu que as confundia em minha mente?

Miseráveis estradas! Que caminhos rudes! Funesto meio em que nasci!

As aulas terminavam por volta de nove da noite. Os professores sempre encerravam as aulas antes do horário correto, pois muitos alunos moravam longe do colégio, e a

escuridão era intensa em alguns trechos próximos do estabelecimento público.

Eu retornava com cerca de sete colegas de minha vizinhança. Chegava a casa por volta de vinte e duas horas, e me banhava um pouco, com o balde e a cuia, desmoronando na esteira logo após. Nem mesmo algum pedaço de pão eu tinha vontade de comer quando chegava, pois o cansaço era maior que a fome. E só havia um pão que eu deixava para Nadav.

Dormia. Meu corpo descansava e meu ser se rompia.

Nossa casa era de taipa e fora construída por meu próprio pai, com muito esforço e passando necessidades para

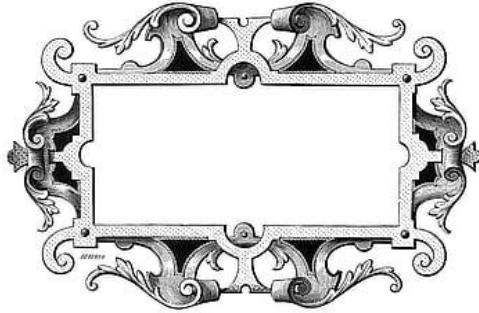
edificá-la. Era pequenina, só havia dois quartos. Ficava numa ruela quase sem iluminação. Quando chovia, a água e a lama invadiam nossa sala, e os insetos também.

Apesar dos esforços de trabalhos árduos, eu, minha mãe e meus irmãos ganhávamos escassas moedas. E todo o dinheiro era contadinho.

Não tínhamos outras opções. A realidade social em que vivíamos não nos ofertava grandes coisas, não nos dava oportunidades de ter um trabalho melhor remunerado, por mais que procurássemos. E ainda muitos dizem que isso acontece porque não sabemos trabalhar.

Vejam cada palavra e sintam com os olhos o que provei na pele. Não se deve julgar o que o outro sente. A profundidade não se vê com vistas curtas. O que é vago não pode preencher o que já está contido. Como podem alguns querer tirar água de cacimbas vazias? Eles não experimentaram a sede. E nem toda sede é somente a necessidade de saciar-se. Cada ser veste uma pele diferente. Como querem medir a dor dos outros? Ela não se mede com as retinas, nem com metros de opiniões sem fundamento. Não se pode medir o que o outro sente. Não da extensão do seu sentimento. Como duas faces distintas podem expressar as mesmas sensações? Como seres diferentes podem sentir a mesma

amargura? Somente sentindo-a. Os que estão sempre fartos não podem ter uma ideia precisa da privação dos escassos. Os que estão sempre acompanhados não podem relatar a solidão dos que percorrem sozinhos as trilhas alumiadas sob as quenturas, ou na erma escuridão.



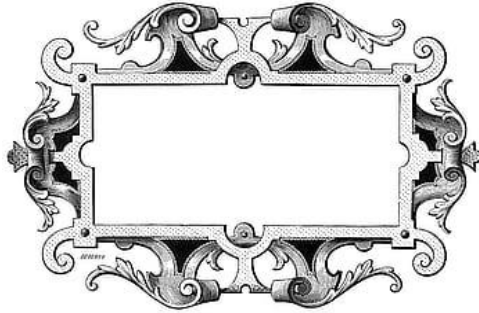
Maria Cândida, minha mãe, era resignada e depositava suas esperanças de viver dias melhores através de mim e de meus irmãos. Só que meus irmãos não aguentaram trabalhar e estudar ao mesmo tempo, interrompendo os estudos, pelo menos naquela fase de suas mocidades. Então, era a mim que ela almejava ver formada, e de alguma forma melhorar de vida para ajudá-los.

Abiel sempre mostrou agudeza para a música, sem nunca ter estudado nenhuma nota. Consegue formar acordes no violão antigo que um colega dele tem; dedilha sem hesitar as melodias que ouve. Mas acontece que Espinhos dos Cactos é um mato. Um matagal. Nem a escola tem livros, que dirá ensino musical. Os que apareceram recentemente foram cedidos por outras escolas de um município aqui perto. São livros velhos. Alguns estão esmaecidos. Têm mais traças e poeiras do que palavras.

Talvez meu irmão nunca chegue a ser um músico, apesar de sua capacidade inata. Talvez seja mais um trabalhador acabado quando chegar aos trinta e poucos anos.

Quem sabe uma reprodução de tudo o que está estabelecido. Aqui se luta, não se escolhe, pois não há escolha. As condições não mudam. E querem que ele mude a sua condição? Não! Ele não escolheu passar horas debaixo do sol carregando pedras, tijolos e cimento. Ele não escolheu viver preparando massas, ele não escolheu marretar paredes para levantar outras. Ele escolheu a música. Ele escolheu os sons. Quer seguir os acordes das vibrações interiores. É a sua inclinação. Passará anos trabalhando, com sacos de cimento nas costas. Sofrerá da coluna, envelhecerá depressa. Se escolher não fazer massas de barro e cimento, agravará sua penúria.

Melodias. Nem que fossem de melancolia. Nem que fossem notas plangentes, para contar os ecos destas paisagens agrestes. Nem que fossem para compor as mazelas e tristezas deste povo. Falar dos rios que secaram, das cacimbas de lágrimas e dos que matam a sede com o suor amargo. Contar em melodias o mormaço dos dias, sem sombras para se proteger, e as noites encaloradas de Espinhos dos Cactos. Quem saberá compreendê-las ao ouvi-las?



Continuei com esforços que só eu sei, pois dentro de mim estão guardadas todas as angústias que atravessei. Cada uma delas lembra acontecimentos de extrema dor e humilhação. E minha mãe e meus irmãos igualmente prosseguiram na luta de suas existências desprovidas e ressequidas.

A saúde era outro obstáculo.

Existem as doenças do corpo, as doenças da alma, e as doenças sociais

inerentes aos homens jactanciosos, orgulhosos, que detêm o poder sobre uma cidade, sobre um estado, sobre um país. E como são doentes da alma, não têm interesses em curar as enfermidades sociais, chagas do dia a dia na vida das pessoas.

Entre esses homens, há os cegos, cujo poder lhes alteram as vistas; há os surdos, que não escutam o clamor das vozes do povo a gemer de dor, que poderia ser aliviada com um pouco de bom senso; há os inertes, cuja vontade está em estado latente, e que não delineiam nenhum movimento, seja das mãos ou do cérebro para fazer alguma coisa boa pelos que sofrem; há os insanos, enlouquecidos pelo poder, pela posição social e pelo